

Pão Nosso...

Porto, 25 de Maio de 1910.

N.º 6

SUMMARIO:

- I— CONTRA A POLITICA.
- II— O TERROR NO MUNDO COMETARIO.
- III— UM SEQUITO DE SOBERANOS.
- IV— PARA O CALENDARIO DO «JANEIRO».

Contra a politica

Opera antiga e cantores anti-quissimos. — Definição dum sociologo. — Soluções que nada solucionam. — Uma fábula infantil.

Cortando de vila em vila, atravessa ás vezes esta nossa terra de sol e imundicie, uma caravana d'oradores. Caminham de teatro a teatro, desalforjando a matalotagem do palanfrorio. E as frases d'efeito, os pechisbeques palavrosos, as escamoteações retoricas, guisalham sobre os auditorios que empolam a pele das mãos de tanto malhar palmas aos forasteiros palradores.

Ha cinco para seis annos, tambem fiz parte duma dessas companhias ambulantes, e pelos palcos provincianos, encontrei-me lado a lado de magnates progressistas, franquistas, nacionalistas, ou com pessoas alheias a qualquer credo partidario,

Era a traça da campanha — o combate do plano fazendario

do sr. Teixeira de Souza. Na realidade tratava-se de o derrubar do ministerio, arrastando na queda o onipotente Hintze Ribeiro, aquella mediocridade que se pegava nas subidas, que se orgulhava, por sadismo mental, de ser mais monarchico do que o rei, e que alcançou a ventura suprema de morrer martir.

De lição para a minha ingenuidade, duzias de vezes escutei, quer em puxavante oratoria, quer em diarreia bucal, conceitos do bom quilate: — «Salvemos o paiz! Nada de politica! Enrolem-se as bandeiras partidarias! Politica fóra!»

Golfava o entusiasmo no publico. Bôcas como cavernas vivavam bravos. Uma rajada de vesania coletiva varria no estrepito, o claro entendimento dos homens frios.

Chegou lance em que julguei esboroar-se o zimbório de certa sala de espectaculos sobre o milhar de cabeças aturdidas. Um baritono sargentão, mais tarde alcandorado a ministro, repisou a legenda da conhecida pagina caricatural de Bordalo Pinheiro: — «Sabeis o que é a politica? E' a grande porca! a grande porca!»

Foi... *et acabóse!* Voou pelas alturas um jorro de lava. Havia prenuncios de cataclismo universal.

* * *

Precisamente, ruminava eu encolhido a um canto: — Demonio! demonio! Só ouço bramir — *Fóra a politica!* — aos politicos profissionaes!

Será pela mesma razão que se não fala de corda na casa d'enforcado, nem de roubo se trata em furna de ladrões? Grande porca lhe chamam, e ás têtas se lhe prendem!

Inventa-se a madureza do Congresso Nacional, espelho fiel da desorientação intelectual de orientadores frustes, e renova-se a apostrophe: — *Fóra a politica!*

O relator geral do Congresso, cargo de maiores responsabilidades e valia da assembleia, o dr. Reis Santos, na sua propaganda encontrára formula mais elegante. Apresentava aquelle concilio como — *acima da politica.*

O relator geral é um bom oleiro de desenganos. Talha nas nuvens o manto para as suas fantasias. Porque se não meterá S. Ex.^a a romancista do maravilhoso, como J. Verne, H. Wells, e Jean de la Hire? Ou tendo vagar, porque não faz colhéres?

Abro um tratadista, um sociologo, um volume de vulgarisação que se encontre mesmo nas bibliotecas pobres. Seja, ao acaso, *As leis sociologicas* do Prof. Guilherme de Greef, e leio:

A sciencia politica é, por conseguinte, a parte da sciencia da natureza que tem por objecto o estudo e conhecimento dos fenomenos, leis, e funções dos órgãos sociaes relativos á representação, deliberação, decisão e execução, dos diversos interesses coletivos
Pag. 156.

E' claro? E logo ajunta:

A politica é a teoria da vontade coletiva; a politica é o sistema regulador supremo das necessidades e interesses economicos, genesicos, artisticos, scientificos, moraes e juridicos, que nos seus centros proprios e sucessivos de coordenação não encontram reguladores suficientes.

Elle compara ainda os órgãos politicos do super-organismo social, ao sistema nervoso central dos seres superiores organisados, declarando os primeiros mais complexos, e com propriedades que nos ultimos não existem.

Em tão larga definição cabem á vontade todas as escolas. Mesmo o comunismo anarquista que detesta a simples palavra *politica*, ao crear uma sociedade livre, sem o principio d'auto-ridade, teria de coordenar as relações internas dos seus diversos grupos, livremente associados. A essa coordenação se chamaria igualmente: — Politica.

Os curtos periodos transcritos, que não alongo para aligeirar o opusculo, sugerem ás mais desatentas inteligencias, considerações que escuso desenvolver.

Ao tempo que a baboseira d'ordem no congresso: Fóra a politica! segue qual mula teimosa num chouto miudinho — os apóstolos e inspiradores, daquelle tablado vasam sentenças e conselhos.

— *E' preciso integrar Portugal nas correntes da vida moderna.*

Pois é... é... Mas a civilisação custa caro. E' um luxo só para os povos ricos. Portugal no seculo XX, produz como se demorassemos pelo seculo XVIII.

O capital, dificulta-o uma taxa de juro desmarcada. Aliás o Estado absorve os capitaes disponiveis, enchendo o mercado de papel. Desvia-os de fecundarem os campos, as fabricas, os balcões do comercio.

Não ha recursos, replica o governo. E onde não ha ... que se cante o fado, repicando-o á viola.

— *E' preciso sanear o orçamento, cortar o superfluo, descentralisar.*

Ora! ora! Mas o superfluo é o estrito necessario para os que d'elle vivem. A centralisação — o melhor instrumento de poderio de todas as oligarquias. O orçamento fazem-no os burocratas e politicos que nelle sugam, e não os cidadãos que o pagam.

— *E' preciso educar o povo. Da escola reformada sairá a nossa redenção.*

Está visto! Mas o povo inculto não comprehende a necessidade da educação. Querem que a monarquia lha imponha? E de que vive a monarquia senão da incultura e ignorancia do povo? Na nossa historia contemporanea parece que só um plano lavrou no cerebro dos estadistas: Deixarem o paiz sem pão nem instrução.

— *Queremos a nação armada.*

Outra! Para ella depois d'armada correr com o regime! Quanto custa hoje, nas reduzidas forças militares de que dispomos, a espionagem e as suspeitas contínuas, que a monarquia nutre so-

bre os officiaes? Dentro em pouco, a cada consciencia haveria de guarda um malsim.

— *Pugnamos por uma reforma no codigo civil, e mais legislação.*

E' como quem diz: queremos uma revolução no direito, sem que a revolução juridica afete os outros factores sociaes. Vão convencer um moleiro a que tire as velas ao moinho para este girar mais depressa!

— *E' preciso moralidade na administração publica.*

Não sejam crueis. A maioria dos conselheiros e governantes já não estão na idade de ir colonisar a Africa. A profissão delles, o seu modo de vida, é ser honrados, e morrer pobres.

*

* *

Fabula sem novidade, que as creancinhas sabem.

Era uma vez um Congresso Nacional de certa gente roedora. A's manadas, ás nuvens, manchando de listas escuras, estradas e campinas, corriam rentes á terra, os focinhos curiosos e trefegos, e olhos como pingos de lume.

Tratava-se dum grande perigo, que força era conjurar. Vinham á testa das colunas as experientes ratazanas, cauda esca-mosa, pelagens negras ou cinzentas, mordidas da velhice e da sabedoria. E logo empoz a turbamulta dos arganases, o rato agrario, os ratinhos anões, o rato domestico, o da Barbaria, todas as variantes de penugem e malicia da familia. Até os leirões e musaranhos se amaltavam na multidão, onde furoavam autos e hostias os ratos de sacristia e os ratos de tribunal.

Em seguro desvio abriu-se o debate. E tudo chiava pela apremiante urgencia de salvar o paiz. Pois que o impio, manhoso, barbaro bichano, só unhas na rataria, e dentes nas carnes cravava, matando, devorando, e chacinando.

Matreiro rato das casas, espirito de presciencia e de governo, o alvitre apresentou: Deitar ao pescoço do gato, um colar de cascaveis.

Mal as chocalheiras campainhas traquinassem seu *drlim drlim...* a rataria ocultava-se, e Rominagrobis logrado, haveria de ater-se ás vitualhas da dispensa mal guardada.

Ali mesmo sagraram o genial orador. De repente, ao dispersar-se a nação, um recemnado de dentes tenros aponta a interrogação: — E quem porá o cascavel ao gato?

A resposta ao metediço colhereiro, foi a seleta assistencia abalar em carreira doida para as tocas, fendas e buracos.

Qual de vós, senhores, irá prender no gasnete do governo, esse chocalho com que tanto badalae no vosso Congresso?

O terror no mundo cometario

A lua morta boia nas nuvens toda amarela...

Corvos marinhos, corvos daninhos poisam sobre ella...

Tiram-lhe os olhos, comem-lhe a bôca, já com gangrena...

Astros errantes, agonisantes, choram de pena...

Choram de pena, tremem de magoa, morrem de dôr...

Na noite escura canta a Loucura, grita o Pavôr...

Guerra Junqueiro.

Pois em meados do seculo XXX ia renhida a luta entre os sabios terrestres. Materia da disputa: a queda da Lua sobre a Terra.

Retomavam-se os calculos de Poincarré, matematico que vivera ahi por 1900 e pico, e que o caso indicára num praso da mesquinhice acanhada de cem milhões d'anos.

O que era o astro das noites, além de tema para os canticos dos poetas? Um espermatozoide astronomico do ovulo-Terra. Da conjugação sexual dos dois elementos brotaria um novo planeta, filho sidereo dos dois infelizes progenitores, levando na herança a poeira atomica da humanidade parasita.

Acaso não haviam já os astronomicos do seculo XX, com os escassos instrumentos do tempo, no correr de 1902, registado

o phenomeno celeste da conjugação de uma estrela dupla, em que dois soes, caídos um sobre o outro, regressaram ao estado de nebulosa? Não se havia já então chamado á Via Lactea, a espinha dorsal do Cosmos visivel, e aos milhares de nebulosas que coallham o firmamento, os ganglios do seu sistema simpatico? Não era a vida uma cadeia da morte, e a morte a cadeia ciclica de vidas?

No entremeio da disputa que os povos interessava, reapareceu no azul celeste, com sua cauda de vestido de baile, o cometa de Halley. E outra vez se formulou a hipotese do nosso planeta lhe ir rasgar o sandal luarento, penetrando a faxa fulgurante como a lamina de fina adaga rompe silvando atravez das camadas atmosfericas.

Ora desde o ultimo quartel do seculo XXVIII, que as communições interplanetarias se haviam tornado acontecimentos banaes. Era tu cá tu lá com os habitantes de Venus, e um agronomo do planeta Marte explicara-nos afinal, que os seus famosos canaes dependiam do ministerio das obras publicas, servindo para a fertilisação da cultura dos tremoços.

Mais dia menos dia esperava-se que Jupiter nos enviasse, catando as cortezias da bôa visinhança, a promessa formal de que viveriamos em paz e harmonia até que o tempo nos devo-rasse a todos.

Pois uma bela manhã, os observatorios da Norte-America transmitiram ao mundo que se ia receber um luminograma de Venus, acêrca do cometa que se avisinhava.

E assim foi. O primeiro despacho que os raios de luz solar armazenados pelos sabios venusinos, nos trouxeram, apenas re-sava:

— «De Venus para a Terra. Saude e pintos. Lavra um grande terror nos habitantes de Halley, pela aproximação da Terra. Populações inteiras, apavoradas, cometem disturbios. Fa-la-se que acaba o mundo. Informaremos.»

Póde lá ser, póde lá ser, comentavam os incredulos! Pois naquelle astro, de materia tão rarefeita, incandescente, nos turbilhões incessantes que remoinham no nucleo, que especie de

bicharia viverá? Não andem os sabios venusinos a bigodear-nos! Será talvez dia dos enganos em Venus, e os conselheiros de lá, divertem-se com as pulhas que nos jogam!

E com todas as decencias da diplomacia inter-astral, os astrónomos terraqueos, de suas duvidas deram parte ás academias d'além.

Extensa foi a resposta, que sem tardança arribou. Os luminogramas baixavam num relampejar continuo. Decifravam-se á pressa. E logo as placas falantes, postadas de 50 em 50 metros, á orla das ruas, por aldeias, vilas e cidades, vibrando sob a influencia de correntes da electricidade sem fios, repetiam incansavelmente as novidades que os scientists de Venus nos despejavam das profundezas do ceo.

— « Assim como vós, ó habitantes da Terra e nossos primos bem-amados, raciocinam os moradores de Halley.

« Por certo que nem seus corpos, nem a sua constituição mental pela vossa se pautam; são minusculos, transparentes e luminosos, semelhantes aos fogos fatuos que se desprendem dos covaes dos vossos mortos.

« E vivem. Viver é compreender. Elles compreendem.

« Não se acham os halleyanos no grau de saber que vós atingistes. São, como dirieis, uma humanidade rudimentar.

« Mas elles recordam tormentos passados. Conservam a tradição das graves perturbações que em 1910 lhes causastes, pois a massa da Terra em comparação á do cometa, é como um elefante igualando-se a uma formiga.

« E o que os irrita, o que os vexa, é que elles consideram a Terra como um pedregulho monstro, deshabitado e morto, arrastando pelo espaço a sua estupidez inerte, e servindo apenas a tragica e inconsciente fatalidade.

« Pelo anno de 1910, ao tempo em que os vossos astrónomos, uns — sabios de verdade, outros que desconheciam o primeiro principio da sabedoria — conhecerem-se a si mesmos, friggiam o cerebro em conferencias, tranquilisando os animos, o pavor abalou as vossas multidões.

« Suicidios, rebanhos inteiros acolhidos nos templos, char-

latões vendendo pilulas e balões d'oxigenio, cardumes de papalvos embashacados para o Invisivel, torrentes d'asneiras manando dos labios dos semi-doutos e dos ignorantes. Houve espiritos fortes que ao Senhor dos mundos encommendavam a alma que nem para esterocar a canalhada dos planetas telescopicos servia, e espiritos fracos que aparentavam socêgo, pela algidez do medo.

«Tropéis de malfadados, sujeitos desde o berço á miseria, para quem a felicidade nunca desabrochou um sorriso, agarravam-se desesperados ao farrapo da vida, quando o aniquilamento geral seria a libertação, pelo sono eterno, e eterno esquecimento.

«Peor se deu em Halley. E' a terra da luz, da luz perene, da luz de todos os cambiantes do iris e do ultra-iris. Que seria para elles a destruição ?

Na noite escura canta a Loucura, grita o Pavor...

«E' por isso que os halleyanos d'hoje como os de ha dez seculos, no seu retalho cosmico, mão-cheia de pó na immensidade, destroem seus deuses e jerarquias, emquanto a furia delirante lhes queima os corpos translucidos, clarões bruxuleantes de lampadas que se extinguem, deixando apenas um grão de cinza, por memoria do aqui-jaz.»

*

* *

Findára a communicação de Venus. Subito, outro feixe de luz rasgou as alturas. Era Mercurio que acudia á ribalta. E assim Mercurio contradisse:

— «Não creiam nas falas de Venus. E' uma marafona, intrigante, desvergonhada, e mentirosa. Vou já curá-la. Dou-lhe uma fricção.»

Um sequito de soberanos

Guilherme II.—O «mau filho».—

A «Estrangeira». — Francisco José da Austria, e sua côrte d'espetros.

A' frente do cortejo de reis e principes que comboiam os despojos do que foi um bom burguês coroado, destaca-se o *Kaiser*. Competia-lhe o logar. Guilherme II sobre ser imperador da Alemanha, é o mais olimpico dos *poseurs*. Medita a attitude, compõe o gesto, enviuza o olhar para as objectives cinematograficas e para a Historia, que por certo lhe não levará em conta a consideração de ser o primeiro cabide d'uniformes do seculo XX.

Pelas dobras do manto imperial, entrevêem-se, numa confusa e imponente massa, mais de sessenta milhões de subditos, uma floresta cerrada de baionetas, canhões, e lanças de uhlanos. Sobre esta bagatela, ainda se arroga ser poeta e escultor, estratega e administrador, pintor e musico, orador e sportman, o primeiro entre os primeiros, muitas magestades para uma só cabeça.

Talvez Guilherme II visionie, numa entreaberta da verdade, que á sua [morte, as condolencias dos chefes d'estado, apenas trarão esta nota sincera:— Uf! Até que emfim lá se sumiu aquelle enigma inquietante! Morreu um pesadêlo mundial!

Mais ao largo e á retaguarda segue, com as precedencias protocolares, a mó dos monarcas menores, poalha de coroas reaes, que engrandecem o primeiro figurante. Reis da Espanha, da Belgica, da Noruega, da Grecia, de Portugal, principes herdeiros, principes de sangue, grãos-duques, arquiduques, toda a flora e fauna da heraldica reinante.

E é possivel que o sr. D. Manuel pense, se o seu pensamento se desprende da princêsa d'alcova que o aguarda no *boulevard*, provando o temperamento brigantino.

E' possivel que pense, num episodio da vida de Guilherme

II, mal herdara a corôa de seu pae, o imperador filosofo Frederico III, que mezes apenas conservou o peso de governar a Alemanha.

Desde a sua mocidade, o *kaiser* actual sentia-se atraído, pelo seu temperamento, para o velho avô, Guilherme I, que lhe devia apparecer como um gigante, guerreiro amantilhado de ferro, rebento dum burgrave do Reno, que começara um imperio em Sadowa e o consolidara em Sédan.

Frederico III, ao invéz, riscava congressos pacifistas, nos areaes da Utopia. Despresava as glorias militares. Sonhava a concordia universal. Arredava-se dos conciliabulos ruidosos que só nas conquistas e sangue viam glorias e ventura.

Nos joelhos do avô, quantas vezes Guilherme II, a este ouviria :

«Roon forjou a espada, Moltke dirigiu a, Bismarck utilisou-a.»

*

* *

Ora a mãe de Guilherme II, a imperatriz Vitoria, conseguira, pela politica que ao imperio queria imprimir, ser unanimemente detestada por toda a Alemanha, patriota e ciosa. Rugia em torno della a ventania dos odios.

Como os francêses do seculo XVIII tratavam a rainha Maria Antonieta, só pela designação — a *Austriaca*, assim os alemães, da imperatriz diziam — a *Inglêsa*.

Vitoria combatia Bismarck, e este em moeda usuraria lhe pagava. Bem sabia o chanceler, pela matilha d'esculcas com que rodeara a imperatriz, que esta lhe contrariava os intuitos, e contraminava os planos de politica internacional.

O chanceler afirmava, como dura e barbara necessidade, como fatalidade historica, o choque futuro da Inglaterra e da Alemanha. «O duelo — segundo a sua frase — entre a baleia e o elefante.»

Por conseguinte receava, que num dado momento, as influen-

cias da imperatriz conseguissem levar o proprio Frederico III a opor o trono aos seus trabalhos diplomaticos, e que uma surda hostilidade lhe entorpecesse os movimentos.

Bismarck não sabia ladear obstaculos. Destruia os implacavelmente.

De facto, *a Inglesa*, a estrangeira, era obstaculo á grandeza da patria germanica? Esmagá-lo-ia.

Bismarck tinha os seus reptis na imprensa; deu-lhes ordens e dinheiro. A campanha contra a estrangeira alastrou pelo imperio inteiro. Como a imperatriz Vitoria houvesse ganho preponderancia no animo do sogro, escreveu-se que a mescla de sangue inglês na casa dos Hohenzollern, alterava a pureza ao sangue teutonico, e ao nascer Guilherme II, cá por fora apontaram os defeitos fisicos, as enfermidades da garganta e ouvidos que o rebento imperial trouxera.

Pela morte inesperada do seu pae, o *kaiser* actual bem novo subiu ao trono.

E então, Guilherme II observou friamente a situação. A impopularidade de sua mãe, ameaçava-lhe a segurança da corôa. A politica della alienava-lhe as simpatias da Alemanha.

Prestemente, com inflexibilidade, afastou-a do poder, prescindindo della. Findara a influencia da imperatriz Vitoria, o dominio da estrangeira.

«Mau filho!» bradaram principalmente as gazetas francêsas, traçando paralelos entre a conduta e costumes de Guilherme II e de seu pae. Talvez! talvez!

Mas ninguem ousará dizer, que ao praticar uma decisão necessaria, lhe não gotejasse o coração lancinado por separação assim dolorosa. Com veemencia podia amar sua mãe, porém, a santa e carinhosa ternura desse afeto, é que não podia reger os interesses do Estado, nem opôr-se aos desejos dum povo inteiro.

«Mau filho,» será. E quem sabe se os seus subditos absolvendo-o, lhe chamarão — bom rei?

*

* * *

Mas ali, naquelle prestito de soberanos, uma figura tragica faltou, para confrontos elucidativos, o mais velho dos reinantes da Europa, Francisco José, imperador da Austria e rei da Hungria: — Delle se pôde dizer: Vida longa, e dita curta.

Aos 18 annos, em 1848, a abdicção de seu tio, Fernando IV, atira-o de chofre para o governo.

A revolução de 48 em França, abalara os tronos. No imperio austriaco, labirinto de nacionalidades, raças, linguas e religiões, os Polacos, os Tcheques, os Croatas, os Servios, e os Rumenos, batalhavam de ha mezes pela sua autonomia, os Italianos e Hungaros pela independencia.

Dentro em pouco, todo o imperio era um mar de sangue. Para subjugar a Hungria precisou de chamar um exercito de 150:000 russos; para conter a Lombardia e a Venecia empregou as barbaridades de Radetzki, e as atrocidades de Hainau, carrasco execravel, que até as creanças e as mulheres enforcava.

Mas na Europa moderna haviam já surgido Cavour e Bismarck: o que cortaria ao imperio as provincias italianas, e o que o expulsaria da Confederação germanica.

No interior, o absolutismo e a opressão.

Vem a guerra da Italia, e a Austria, batida em Magenta e Solferino, perde a Lombardia. Sete annos depois, vencida em Sadowa pelos alemães, da Alemanha a separam. Em 1870, obrigada pela Russia a manter-se neutral, vê completar-se contra ella, a unificação da Italia e a do imperio germanico.

Podia ao menos o imperador, á mingua de vitorias e de engrandecimento do seu paiz, têr a felicidade no seu lar. Assassínios, suicídios, execuções, são o que lhe esmalta as recordações familiares.

Seu irmão Maximiliano, imperador do Mexico, fusilado em Queretaro; sua cunhada Carlota, doida; sua mulher, a imperatriz Isabel, assassinada em Genebra; seu filho o principe herdeiro, o arquiduque Rodolfo, trucidado misteriosamente no castelo de Meyerling, num drama de sangue e amor, velado ás investigações.

Duas irmãs da imperatriz Isabel, perdem os seus estados e delles são expulsas; a terceira a duquesa d'Alençon, pasto do fogo no incendio do Bazar da Caridade. Ao rei Luiz II da Baviera, o rei louco, afogam-no num lago; outro seu primo, o conde de Trani suicida-se em Zurich; a arquiduquesa Maria d'Albrecht, sobrinha predileta, morre devorada pelas chamas.

O velho imperador catolico e ex-absoluto, que tanta vítima e tanto martir sacrificou, para que lhe arrancassem umas migalhas de liberdade, só tem á sua volta uma côrte de fantasmas sinistros.

Nem cerrará seus olhos em descanso, pois sabe que a sua morte será o desmembramento das nacionalidades que constituem a expressão geographica que se chama — a Austria.

Faça cada um o contraste entre o imperio inglês, com a diversidade de suas raças e povos, religiões e linguas, progredindo pela liberdade, e o austriaco desfazendo-se pela ausencia da mesmas liberdades, pulverisando-se numa decadencia triste e aviltante.

Para o calendario do "Janeiro,,

(AO GUEDES D'OLIVEIRA)

Que eu embirro com alguns dos seus mortos, um dia d'estes me malsinou na sua folha. E' certo.

Por lá enxameiam mais duma vez, imortaes de 24 horas, que nem assoprados por todos os foles dos cronistas fradescos, se conseguem estirar a um palmo de prosa. V. desenterra-os, empalha-os para os engordar, volta-se para o publico e affiança:

«Isto é carne sã. Tirei-o agora mesmo das catacumbas. Está melhor que saído duma salgadeira. Ainda se lhe conhece o talento no afiado das orelhas, metafisicas e monacaes. Na fachada é o que se vê. Quanto a alma, é uma alma ossuda, magra, de pêlo ralo. Admirem, meus senhores.»

Os meus senhores admiram, e V., apenas desengonçado o esqueleto do filisteu, volve-se para elle, e segreda-lhe:

— Some-te, meu estupôr!

De maneira que fabricas d'immortalidade, duas conheço: a Academia Francêsa e o Calendario historico.

Se V. alegar que no ossuario dos ancestraes falham mercadorias de boa avença, porque não começa V. pelos vivos? Anda por ahi tanta alimaria necessitando argola em letra redonda!

Teimam os viventes em prolongar a existencia? Pois mate-os. Mate-os que as estatisticas provam (as estatisticas são uma das categorias inteletuaes da mentira) que se não começamos a desbastar no nosso semelhante, ainda seremos obrigados a comer os sopranos da capela sixtina, ou provar algum tassalho de bispo.

Quanto aos mortos, recorde-se V. d'aquella quintilha celebre de Fernand Desnoyers, que arrematava assim:

Il est des morts qu'il faut qu'on tue.

Dias ha, que depois d'espremer os altos e poderosos feitos da celebridade que na vespera V. demolhou, perguntei a mim proprio:

— Que diabo andou por fim este camêlo a fazer pelo mundo?

A matar o tempo em vida, como depois de falecido a encher espaço!

A certos defuntos do seu necroterio, mesmo sem lhes consultar a folha corrida, e a certidão da gamela bastimal, posso assim resumir-lhe a biografia:

Um bom serás, ou um pobre diabo

Nasceu na sua terra, no praso que a parteira lhe marcou, viveu sem ideias nem enfermidades, morreu como os bemaventurados dum indigestão de paio com favas.

Levou conduta regrada. Nem demasias virtuosas, nem excesso de vicios. Jamais considerou a mulher um genero de pri-

meira necessidade, e sabia,— como diz o Taine, ou se não é o Taine qualquer de nós o diz — que o vinho é a literatura do povo.

Não maldizia do proximo, com receio de que o proximo lhe amolgasse o costado. Confiava na Providencia de telhas acima, mas de telhas abaixo depositava as suas crenças na tulha dos cereaes, na arca do fumeiro, e no gomil de barro onde resguardava umas peças antigas das intemperies do tempo.

Despresou cargos e honrarias, porque aquelles acarretam canseiras e estas acendem invejas. P'ra repousar das fadigas que não teve, passava horas contemplando atentamente o seu cão a caçar moscas. Emquanto ao cão, apesar de se ter aperfeiçoado muito, não falava.

Deus lhe guarde a alma, se é que a tinha, e Satanaz a não levou.

Com sua variante nos adjetivos, e uns dias por outros quatro datas no entrecho para alegrar a vista aos tipografos, é obra que serve a dois terços da humanidade.

Que os mortos são tambem ingratos. Não lêem nada do que a gente escreve; ocupam-se jogando o *bridge* pelo infinito.

Ande lá, Guedes. Aqui na minha padaria dou-lhe pão quente; dê-me V. carne fresca no seu talho.

ACATANDO UM DEVER

Desde o começo da publicação destes panfletos que a parte da imprensa diaria do Porto e Lisboa, assim como a toda a imprensa republicana da provincia, estamos em divida de gratidão pelas referencias cheias de amabilidade e leal camaradagem com que fomos acolhidos.

Tem escasseado espaço para os nossos agradecimentos. Cae hoje a talho de foice. Pois desta sorte lhes enviamos.

A Empresa do Pão Nosso.